

Este livro foi produzido pelo grupo de pesquisa Chão Coletivo, vinculado à plataforma "Nas ruas: territorialidades, memórias e experiências", da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele é um dos resultados do projeto "Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá", selecionado e subsidiado pelo CAU/SP (Termo de Fomento no 0001/2022) de maio a outubro de 2022. Por meio de depoimentos, mapas, desenhos e fotografias, este livro reúne algumas perspectivas sobre o modo de vida, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya no território do Jaraguá.

Este livro reúne aprendizagens de lideranças Guarani Mbya e habitantes das aldeias Pyau e Yvy Porã, a partir do compartilhamento dos saberes técnicos e construtivos dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá, os quais mantêm e reinventam suas práticas espaciais e tradições culturais como forma de resistência em um território invadido pela metrópole.

editora
escola
da cidade

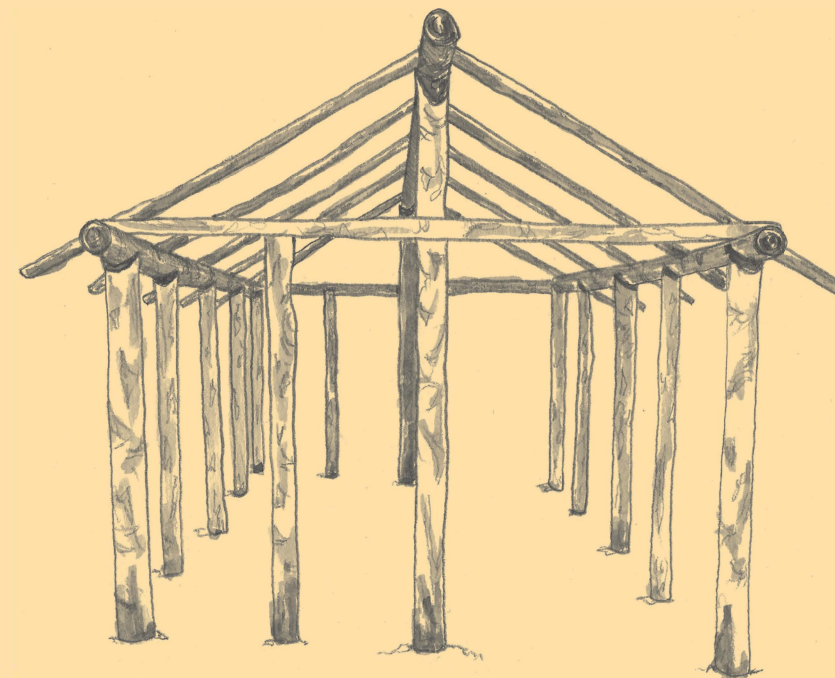


9786586368284

Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá



Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá



Chão Coletivo

"Quando os povos Guarani perderam a liberdade de caminhar sob as estrelas, guiados pelas constelações, e passaram a viver confinados entre as cercas das propriedades privadas, as aldeias se fixaram", explica o *Xeramõi* Nelson.

Estes e outros pensamentos, ouvidos nas entrevistas das lideranças indígenas Guarani Mbya, constituem o arcabouço deste livro.

Os (res)significados do território e dos *tekoas*, com ênfase nas cosmovisões, lutas e práticas, são matérias da primeira parte, enquanto a segunda transita pelos saberes, materiais e técnicas construtivas "tradicionais" e contemporâneas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá.

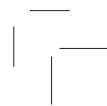
Trazendo reflexões fundamentais em tempos de mudanças climáticas, as conversas e aprendizados presentes neste livro iluminam alguns possíveis caminhos futuros, partindo da perspectiva da arquitetura e de práticas espaciais e construtivas.





Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá

Chão Coletivo



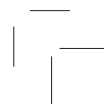
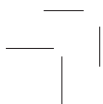


editora

**escola
da cidade**



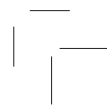
Parceria de Fomento:





Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá

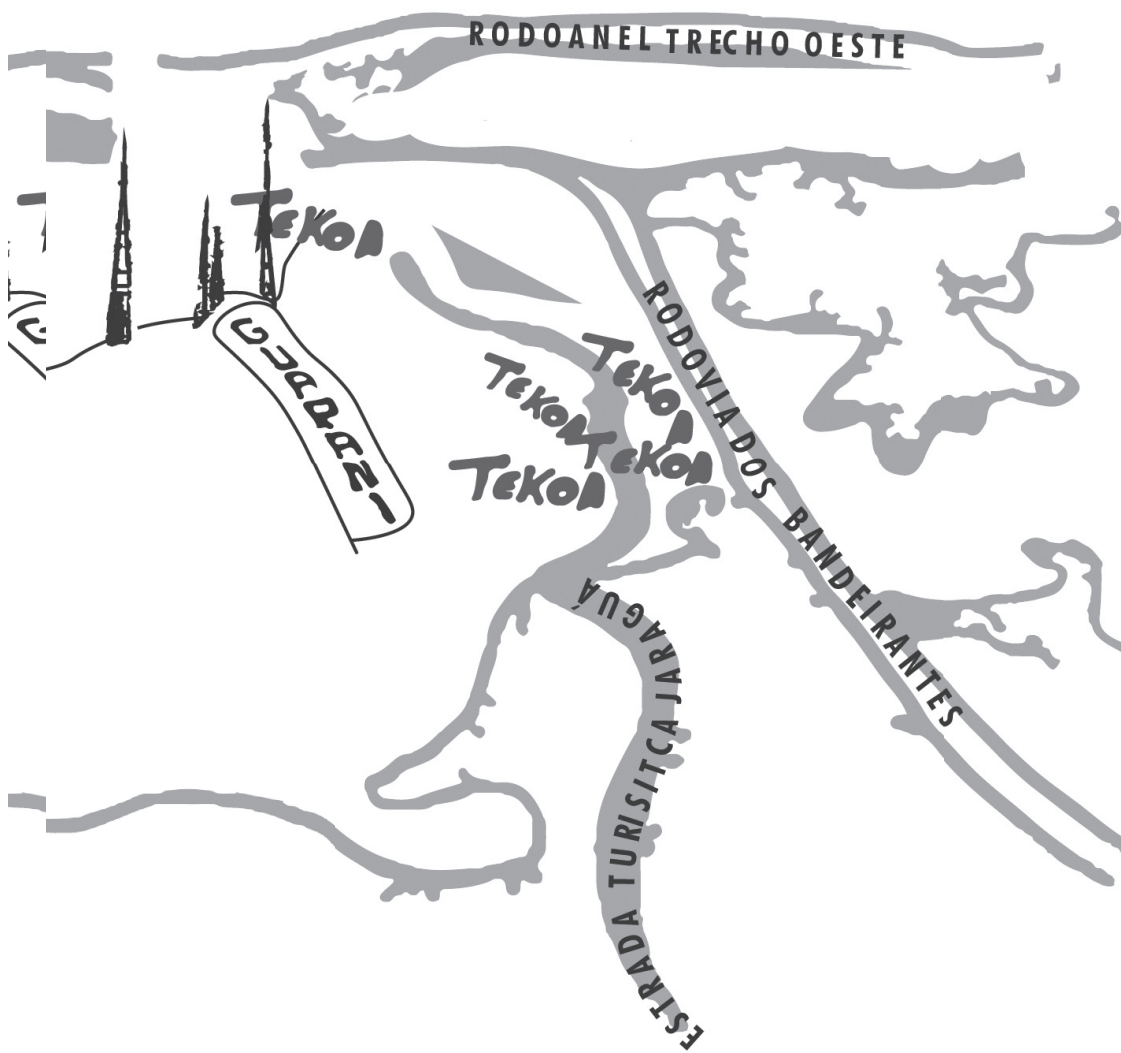
Chão Coletivo



8	Prefácio Catherine Otondo Presidente CAU/SP	54	5. Com os olhos no chão e no céu: o tempo para construir a <i>opy</i> e aspectos sagrados das construções
11	Introdução	62	6. Aspectos arquitetônicos e variações tipológicas das moradias
14	I- OS TEKOAS NA TERRA INDÍGENA JARAGUÁ	68	7. Aspectos materiais
15	1. Caminhos Guarani Mbya	78	III- ENTREVISTAS
30	2. A formação das aldeias	79	Território e Cosmologia <i>Xeramõi</i> Nelson
35	3. A demarcação do território	87	Construção e Cosmologia Karai
39	4. O impacto <i>juruá</i> no território indígena do Jaraguá	100	Construção Karai Jekupe
48	Somos <i>Ka'aguy puru ey</i> . Estamos em perigo	110	Território e impactos <i>juruá</i> Thiago Henrique Karai Djekupe
50	II- MODOS DE CONSTRUIR: TÉCNICAS, MATERIAIS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS	124	Considerações finais









Prefácio



Catherine Otondo
Presidente - CAU/SP



É com grande satisfação que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo - CAU/SP, apresenta o resultado do projeto *Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá*, desenvolvido pela Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo no âmbito do Termo de Fomento nº 001/2022 do CAU/SP que, por meio de Edital de Chamamento Público, celebrou parcerias para a execução de projetos.

Qualquer semelhança com *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*, do autor americano Dee Brown, não será mera coincidência. Claro que estamos falando de Américas diferentes, mas Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya da Terra Indígena Jaraguá, por mais que pareça distante, impacta tanto quanto o *best-seller* que revelou a dramática história dos índios norte-americanos.

Enquanto os *jurua* (não indígena) exploram a terra como mercadoria, propriedade privada, que deve ser cercada para acumular riquezas, os Guarani compreendem a terra como “o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrelas se encerram nela”. Isto fica claro na fala do ativista guarani Thiago Henrique Karai Djekupe: “Porque a gente tem dois caminhos. Todo guarani enxergou dois caminhos para conviver com o modo de vida ocidental. Um é dialogar. Esse é o nosso principal caminho. [...] E o outro caminho é a resistência, é saber que, se quiserem nos tirar do nosso território e a gente não tem mais pra onde se esconder, pra onde correr, temos de resistir”.

Ao refazerem seus caminhos, iluminados por Nhanderu (o deus verdadeiro), os Guarani Mbya reforçam os vínculos de





solidariedade e parentesco com uma rede de aldeias, transmitem conhecimentos e revivificam a memória dos antepassados que ocuparam os territórios sul-americanos.

Nós, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/SP, entendemos que esta ação de fomento – com o trabalho apresentado a seguir – se consolida como prática para a construção de caminhos capazes de ampliar o campo de ação do Conselho e valorizar o lugar do profissional na proposição de um habitar comum e generoso.

Nesse contexto, seguimos acreditando que o papel do Conselho deva ser estendido para um campo ampliado de ações, tais como do fomento e da difusão de saberes, práticas e conhecimentos relacionados à Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas dimensões pública e social, valorizando a diversidade da profissão e dos profissionais arquitetos urbanistas, assim como disseminando importantes conteúdos e reflexões junto à sociedade.

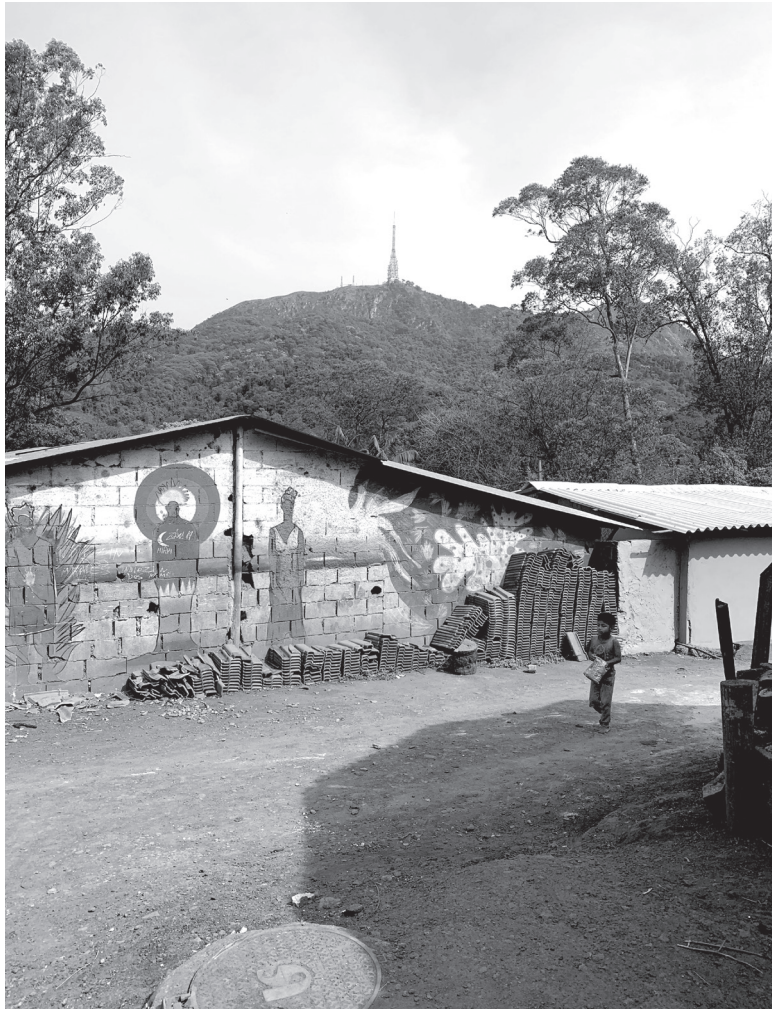


Fig. 1. Aldeia Pyau, 2022.




Introdução

Este livro foi produzido pelo grupo de pesquisa Chão Coletivo, vinculado à plataforma “Nas ruas: territorialidades, memórias e experiências”, da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele é um dos resultados do projeto “Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá”, selecionado e subsidiado pelo CAU/SP (Termo de Fomento nº 0001/2022), de maio a outubro de 2022. Por meio de depoimentos, mapas, desenhos e fotografias, este livro reúne algumas perspectivas sobre o modo de vida, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya no território do Jaraguá.

Trata-se aqui de reconhecer e valorizar a diversidade de expressões arquitetônicas, técnicas e formas construtivas dos Guarani Mbya, especialmente nas aldeias Pyau e Yvy Porã, onde as entrevistas com construtores e mestres do saber foram realizadas.

O livro divide-se em três partes complementares que se estruturam a partir de quatro entrevistas realizadas nos *Tekoas* Pyau e Yvy Porã. A primeira parte, “Os *Tekoas* na Terra Indígena Jaraguá”, discute questões relacionadas ao território dos Guarani Mbya, próximo à cidade de São Paulo e à perspectiva de futuro por meio das cosmovisões, lutas e práticas de cuidado. Já a segunda parte, “Modos de construir: técnicas, materiais e práticas contemporâneas”, aborda os saberes, materiais e técnicas construtivas “tradicionais” e contemporâneas dos Guarani no Jaraguá. A terceira e última parte disponibiliza as entrevistas com nossos interlocutores na íntegra.

Chegamos até aqui com o apoio e a contribuição generosa de moradoras, moradores e lideranças da Terra Indígena Jaraguá, que possibilitaram conversas, trocas de saberes, percepções e aproximações enriquecedoras. Nossos agradecimentos



para todos os moradores do território guarani do Jaraguá e em especial a todos que estiveram perto do projeto desde o início: Sérgio, Jandira, Márcio, Lúcia, Thiago, Anthony, Frank, Karai Jekupe, Michael, Jaciara, Gilson, *Xeramõi* Karai, *Xeramõi* Nelson, Jacimara, Richard, Sonia, David, Nelson, Valéria, Leonice, Ângela, Tereza, Alicia, Rosalina, Natalina, Viviane, Patricia, Peru e toda a comunidade da aldeia Tekoa Pyau que construiu junto com a gente caminhos e trilhas para o futuro.

Agradecemos a acolhida institucional da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Nosso muito obrigada aos esforços da Tamara, Gabriele e Luana, além da paciência, dedicação e atenção na contabilidade e nos pagamentos mensais. Somos muito gratos à parceria com o Pretaterra – Paula, Valter, Mariana, que desenvolveram um lindo projeto de agrofloresta para a aldeia Pyau. Agradecemos, ainda, os desenhos do Thiago Karai Djekupe, do Karai Jekupe e Felipe da Silva, a maquete e as ilustrações da Gabriela Toral, a aula da professora Anna Beatriz Galvão, as referências arqueológicas do Paulo Zanettini, além do apoio financeiro do CAU/SP, com a orientação cuidadosa e contínua de Paula Corrente e Diego Lorenzo, sem os quais nada disso teria sido possível.

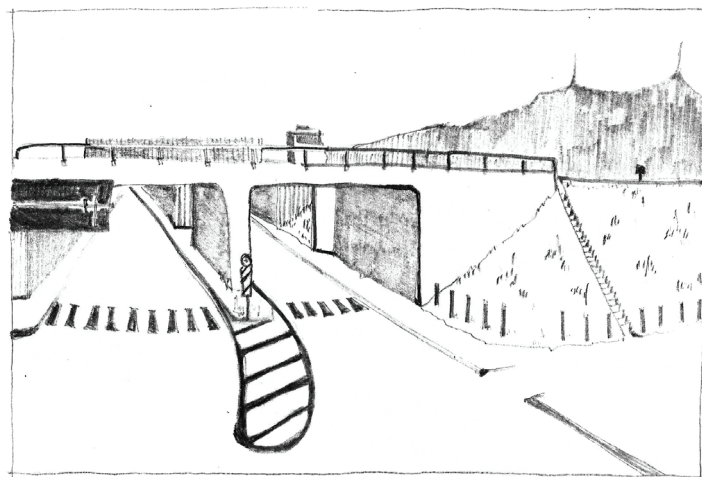
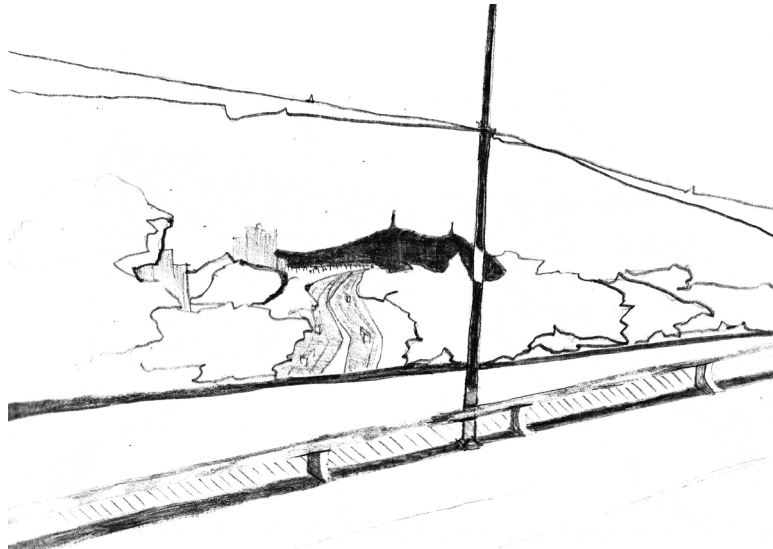


Fig. 2. e 3. Rodovias no entorno da Terra Indígena Jaraguá.

I.

Os *Tekoas* na Terra Indígena Jaraguá



Fig. 4. Aldeia Pyau cortada pela Rodovia dos Bandeirantes.

1. Caminhos Guarani Mbya

Porque a gente tem dois caminhos. Todo guarani enxergou dois caminhos para conviver com o modo de vida ocidental. Um é dialogar. Esse é o nosso principal caminho. E o outro caminho é a resistência, é saber que se quiserem nos tirar do nosso território e a gente não tem mais pra onde se esconder, pra onde correr, temos de resistir.¹

Localizada no Pico do Jaraguá, na bacia do rio Tietê, no Planalto Atlântico, região noroeste da metrópole de São Paulo, a Terra Indígena Jaraguá, homologada com 1,7 hectares em 1987, é considerada, até o momento, a menor em área do Brasil. Em 2015, após grande mobilização política, a Terra Indígena (TI) teve seus limites de demarcação ampliados para 532 hectares.

No Jaraguá, encontram-se seis aldeias: Tekoa Ytu, Tekoa Pyau, Tekoa Itakupé, Tekoa Ita Verá, Tekoa Itaendy e Tekoa Yvy Porã,² onde vivem aproximadamente 720 pessoas.³ A maioria dos habitantes da TI Jaraguá fala o dialeto Mbya, embora haja algumas famílias falantes dos dialetos Nhandeva ou Xiripa e, em menor escala, Kaiowa, da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi.

1. Depoimento de Thiago Henrique Karai Djekupe, liderança indígena da Terra Indígena Jaraguá.

2. As traduções que podem ser oferecidas para os nomes das aldeias são as seguintes: Tekoa Ytu (“Aldeia da Cachoeira”), Tekoa Pyau (“Aldeia Nova”), Tekoa Itakupé (“Atrás da Pedra”), Tekoa Ita Vera (“Aldeia Pedra Reluzente”), Tekoa Itaendy (“Aldeia Pedra Luz”) e Tekoa Yvy Porã (“Aldeia Terra Boa/ Terra Bonita”). COELHO, Antonio Salvador e Comunidade Guarani Mbya. *Sementes, plantas e florestas. Mbya Guarani compartilhando saberes*, CTI, s.d

3. <https://cpisp.org.br>. Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP). Acessado em 30.10.2022.

O crescimento da mancha urbana de São Paulo levou a constantes invasões dos *juruaá*⁴ no território Guarani, das quais resultaram formas de violência diversificadas, como a redução e a fragmentação do território, a construção de rodovias, avenidas e ruas, obras de infraestrutura, poluição das águas e do ar, desmatamento progressivo da Mata Atlântica e agressiva especulação imobiliária de suas terras.

No entanto, as ações cotidianas dos Guarani, vivendo segundo seu *nhanderekó* (“modo de vida guarani”) nas terras do Jaraguá e em Parelheiros, na zona sul da metrópole, revelam outros projetos de presente e futuro para a cidade de São Paulo. O cultivo de alimentos, cuidado com a Mata Atlântica, os rios e lagos operam como manutenção da terra e instigam a cidade a reestabelecer esta conexão⁵. Os Guarani propõem uma política de vida⁶ na metrópole, de convivência e conexão com humanos e não humanos: animais, as plantas, rios, espíritos e divindades, e a necessária preservação da Mata Atlântica para manutenção de seus modos de vida.

Enquanto os *juruaá* exploram a terra como mercadoria, propriedade privada, que deve ser cercada para acumular riquezas, os Guarani compreendem a terra como “o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrelas se encerram nela”⁷. Apontam para o cuidado com a terra como prática permanente, como analisa Maria Inês Ladeira: “A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território que sabidamente pelos Mbya se insere num contexto histórico

4. *Juruá* é o termo Guarani Mbya para branco ou não indígena, que pode ser traduzido como “boca com cabelo” em alusão às barbas e bigodes usados pelos colonizadores ibéricos.

5. PERRACINI, Beatrice. *Práticas espaciais de resistência Guarani Mbya em São Paulo*, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola da Cidade, 2020, p.131-132.

6. MORAES, Alana. SCHAVELZON, Salvador; GUARANI, Jera; KEESE, Lucas; HOTIMSKY, Marcelo. “Um levante da terra na metrópole da asfixia”. *Piseagrama*, Belo Horizonte, seção Extra!, 4 de fev. 2021.

7. *Idem*.